

II WORKSHOP INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DO AMBIENTE: Desastres Ambientais e
Sustentabilidade & GISDAY 2011
Novembro de 2011
Florianópolis - SC - Brasil

QUANDO A ÁGUA ENGOLE O PATRIMÔNIO: CIDADES SUBMERSAS POR NECESSIDADES
ANTROPOGÊNICAS... GUADALUPE-PI, REMANSO - BA, PILÃO ARCADO-BA

Gercinair Silvério Gandara (UFG/CAPES e UEG) - gercinair@msn.com

Pós-Doutoranda em História PNPd/CAPES/UFG. Doutora em História, UnB (2008). Mestrado em História, UFG (2002). Especialização em Estudos Regionais pela UCG. Graduação em História pela PUC-GO (1998). Estágio de Doutorando no Exterior- PDEE. Université La Ro

A História Ambiental leva em conta muitas questões, contudo, um dos seus eixos, talvez o principal, enquanto campo de pesquisa trata da forma como as sociedades humanas relacionam-se com os rios. Sabe-se também, que a categoria rio representa um sistema, indicador da situação espacial, concebido com base nas relações entre natureza e pessoas. Em termos bem simples trata-se da história das relações humanas com os elementos da natureza com seus limites e perspectivas como indicou Worster na década de 1980, "a história ambiental trata do papel e do lugar da natureza na vida humana". (WORSTER: 1991, p.201). A construção de barragens nos rios implica-se numa série de impactos do/no ambiente. Em verdade, esses processos provocam a exterminação de florestas, a perda de solos cultiváveis, materiais arqueológicos, riquezas pré-históricas, sítios históricos e de cidades inteiras que ficam submersas com o processo de alagamento. Nesse sentido pretendo evidenciar o impacto sócio-ambiental causado pelas barragens Sobradinho no rio São Francisco e Boa Esperança no rio Parnaíba às cidades Remanso, Pilão Arcado e Guadalupe que foram submersas. Elas desapareceram arrastadas pelas próprias correntezas dos seus corpos fluviais que em outros tempos causaram palpitações e emoções nas vidas beiradeiras. Posso afirmar que o curso destes rios foi alterado em função da construção das barragens e os beiradeiros viveram momentos ímpares no seu cotidiano, além de que, as áreas alagadas sofreram interferência em seus ciclos "naturais", em seus costumes, hábitos e práticas sociais que hoje são descritos e narrados pela memória.

Em 1974 a sede da cidade-beira Pilão Arcado foi transferida para outro local distante 62 km. A cidade-beira Remanso que surgiu num local onde o rio São Francisco formava um grande remanso e seguro porto de atracação. Este lugar tornou do seu ponto de origem, pois para aí convergiam aqueles que fugiam das lutas armadas travadas em Pilão Arcado em fins do sec. XVIII. Esta cidade-beira oitocentista se encontra hoje "engolida" pelas águas do Lago de Sobradinho, mas como capricho da natureza no período de estiagem suas ruínas se emergem dando provas de um dos tantos patrimônios submersos por necessidades antropogênicas. Vale dizer que esta barragem foi concluída em 1977 formando um imenso lago artificial que engoliu as cidades-beira Casa Nova, Sento Sé, Remanso e Pilão Arcado que foram homenageadas por Sá e Guarabira, com música e letra de sua autoria, intitulada "Sobradinho".

O homem chega e já desfaz a natureza./ Tira a gente põe represa, diz que tudo vai mudar./ O São Francisco lá prá cima da Bahia/ Diz que dia menos dia vai subir bem devagar./ E passo a passo vai cumprindo a profecia./ Do beato que dizia que o sertão ia alagar/ O sertão vai virar mar/ Dá no coração o medo que algum dia o mar também vire sertão/ Vai virar mar/ Dá no coração o medo que algum dia o mar também vire sertão/ Adeus Remanso, Casa Nova, Sento Sé/ Adeus Pilão Arcado vem o rio te engolir/ Debaixo d'água lá se vai a vida inteira/ Por cima da cachoeira o Gaiola vai subir/ Vai ter barragem no salto do Sobradinho/ E o povo vai se embora com medo de

se afogar/O sertão vai virar mar/ Dá no coração o medo que algum dia o mar também
vire sertão/Vai virar mar/ Dá no coração o medo que algum dia o mar também vire
sertão

A cidade-beira Guadalupe viveu um complexo processo de transformação desencadeado pela construção da Usina de Boa Esperança inaugurada em 1970. Antes, porém, no período da navegação a vapor esta cidade serviu como importante porto fluvial no/do rio Parnaíba, recebendo barcos a vapor, balsas e outros meios de transportes e, também, os primeiros fluxos de vida comercial e populacional. Ela representava o lugar onde os navegantes do rio podiam se abrigar, se apoiar antes de enfrentar a Cachoeira da Boa Esperança com suas temíveis pedras e corredeiras de águas rasas e rápidas que ameaçavam a segurança das embarcações com eminentes acidentes. A navegação a vapor no rio Parnaíba ficou bem explicitada na Ata de Despedida da cidade-beira Guadalupe "... soou aos nossos céus o apito do vapor Chile conduzindo a seu bordo os passageiros ilustres...". Contudo à luz de contendas políticas, econômicas e sociais que ocorriam nas décadas de 60 e 70 os guadalupenses viram seus sonhos, esperanças e lembranças, inclusive as da navegação tradicional e a vapor, serem engolidos pelas águas da barragem. A Usina foi construída logo após a acidentada Cachoeira da Boa Esperança, numa curva íngreme que reunia recursos geológicos e hidrológicos. Levou seu nome e assim se fez...

O Impacto ambiental deve ser entendido como um desequilíbrio provocado por um choque, um 'trauma ecológico', resultante da ação humana sobre o meio ambiente, ou seja, uma ação antrópica. Segundo a Resolução do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA)-Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), nº 1/86, artigo 1º, impacto ambiental é qualquer alteração das propriedades físicas, químicas ou biológicas do meio ambiente, causada por qualquer forma de matéria ou energia resultante das atividades humanas. Gonçalves (1992) nos adverte que há os meios sociais e ambientais. Partindo dessa premissa posso afirmar que há nos espaços aqui estudados os impactos tanto ambientais quanto sociais, uma vez que os impactos têm como ponto de partida, a ação antrópica, a partir da condução dos empreendimentos hidrelétricos e finaliza com os sentimentos de perdas e das saudades. Numa palavra posso afirmar que os impactos ambientais desencadeados sobre a natureza acarretam os impactos sociais. Para Kelman "resulta dos inegáveis malefícios causados pela implantação de uma usina hidrelétrica...". (KELMAN et al: 2006, p.510). Soma-se a esse impacto a poluição de águas que podem causar também conseqüências, como, por exemplo, epidemias. Outro problema evidente é a mudança climática que a formação do lago pode causar. Afinal aonde havia matas fechadas ou

florestas agora há um lago, o que pode elevar a temperatura ambiente e mudar o ciclo de chuvas.

Em 2010 o Piauí viveu uma grande enchente por ocasião das chuvas resultado evidente da interferência humana e de problemas provenientes da construção da barragem Boa Esperança. Conforme a Secretaria do Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Piauí na região entre Teresina e Guadalupe localizam-se a maior concentração de erosão das margens. De fato, estas margens estão/são desprovidas de vegetação provocadas pelo desmatamento desorientador e variação do nível de água do leito do rio. Este estado de coisas foi/é ocasionado pelas cheias, mas é em grande proporção pela vazão da Usina Boa Esperança que contribuiu para os desmoronamentos das margens expostas e, conseqüentemente para o assoreamento do rio. Ressalta-se que esta Hidrelétrica Boa Esperança ganhou nos anos sessenta o status de redentora. “Um projeto de cunho nacional com ares de salvação desta terra e de seu povo...”. (LIMA: 2007, p.91)

No período em que o rio Parnaíba ficou empilhado atrás da barragem criando a desejada queda e o reservatório de regularização Zilma recordou o período como uma coisa bonita pra falar sobre o rio Parnaíba, “eu atravesssei aqui dentro do leito do rio ele estava seco, ficou seco por três dias porque a água estava represada acima do Remanso do Surubim onde foi construída a barragem de Boa Esperança.” O Prof. Luiz Paulo Lopes também falou da interrupção das águas do o rio Parnaíba.

... elaborei um texto sobre o rio no dia em que seu curso foi interrompido e em Floriano a gente viu pela primeira vez seu fundo de pedra preta (basalto). Foi no dia em que se fez o desvio da barragem de Boa Esperança.... Foram 3 dias para ele secar totalmente. O fundo é de pedra preta. Foi uma grande emoção, pois ninguém nunca havia visto os intestinos do rio. .. (grifos meus)

Ele se lembrou de um texto que escreveu há mais de duas ou três décadas. “foi quando meu filho nasceu e eu o guardei pra ele e o mesmo ficou esquecido por esses anos todos.

“Meu rio, que estás acontecendo? / Estão destruindo as matas/ que povoam suas nascentes/ emolduram o espelhos de tuas águas e vão pouco a pouco fabricando teu assoreamento.../Te vejo lento, águas chorosas/ querem porque querem destruir/ o rio Grande dos Tapuias, o Velho Pará, Paroaçu, o Punaré [...]”

Como se vê o impacto social não pode ser ignorado. Os impactos sócio-ambientais atingem tanto o espaço físico quanto o social dessas regiões. Era a partir do espaço-rio que o povo beiradeiro se desenvolvia e/ou sobrevivia no lugar. Tratando-se do rio São Francisco houve a remoção de Remanso. Conforme a oralidade local, hoje quando a cidade emerge os filhos de Remanso relembram dizendo “olha, eu nasci ali, ali era a prefeitura, ali era o mercado municipal, as ruínas do cais...”. Severino Santos (2005) deixa entrever que há pessoas que guardaram a história do passado por meio de

reíquias, de livros, de peças dentre outros. Joana Camandaroba, (2004), rememora Pilão Arcado

[...] rememoro... Que é da Pedra Branca, da Pedra do Remando, da Velha Cruz milagreira da rua de cima, do comercio monopolizado, dos casarões residenciais, da mansão dos Albuquerque, da usina do coronel Franklin, da casa Brasil? A Igreja de Santo Antônio... suas pratarias sacras foram enviadas para a Barra... as ruazinhas estreitas, apertadas entre o morro da Pedra Branca e o rio São Francisco... aquela gente pura, humana, sincera, racista. [...] Que é das famílias do meu tempo? [...] E as novenas de São Miguel? (CAMANDAROBÁ, 2004, p.318-319)

Walter Benjamin (1994) diz que o tecer da rememoração, ao abrir o acontecimento vivido para tudo que veio antes e depois, compõe possibilidades infinitas de agenciamentos de sentidos e significados para o passado, tanto para o próprio autor quanto para o leitor. Pensar as cidades-beira submersas é rememorar sonhos e lembranças. Destarte compartilho com Bachelard (1998, p. 2) a idéia de que “a imagem poética não é eco do passado. É antes o inverso: com a explosão de uma imagem, o passado longínquo ressoa de ecos e já não vemos em que profundezas esses ecos vão repercutir e morrer”. Seja como for afirmo que o patrimônio citadino foi engolido pelas águas das barragens e “dormem” mergulhadas nas águas dos lagos Boas Esperança e Sobradinho e nas saudades das gentes beiradeiras. Mas o sertão virou mar!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. *A Poética do espaço*. São Paulo, Martins Fontes, 1998.
- BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994 – (obras escolhidas v. 1).
- CAMANDAROBÁ, Joana. *O Último Canto do Cisne*. Salvador: Ed. E Gráfica Bahia, 2004.
- GANDARA, Gercinair Silvério. *Rio Parnaíba... Cidade-Beira (1850-1950)*. Teresina: EDUFPI, 2010.
- KELMAN et al Hidroeletricidade. In *Águas Doces do Brasil: Capital ecológico, Uso e Conservação*. São Paulo: Escritura Editora, 2006.
- LIMA, Marconis Fernandes. *Cidade Boa Esperança: memórias da construção da usina hidrelétrica em Guadalupe-Piauí*. Teresina: UFPI, 2007
- Revista SEMAR. *Problemas Hidroambientais do Rio Parnaíba: O Desafio de Salvar o Velho Monge*. Governo do Estado do Piauí, Março de 2009 p.08
- SANTOS, Severino Ferreira dos. *Remanso: Passado e Presente*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 2005.
- WORSTER, Donald. *Para Fazer História Ambiental*. Tradução José Augusto Drummond. In: *Estudos*